

Produção encolhe em 2003 sob efeito da falta de renda

Vera Saavedra Durão

Do Rio

A queda recorde de 3,3% no consumo das famílias decorrente da queda da renda e da falta de crédito, aliada ao declínio de 6,6% no investimento, ou formação bruta de capital fixo (FBCF)—o maior desde 1992—, derrubou a economia brasileira no ano passado, fechando com queda de 0,2% no Produto Interno Bruto (PIB).

O resultado impactou o PIB per capita, que caiu 1,5%, já que a atividade econômica teve desempenho abaixo da taxa de expansão demográfica do país, de 1,3% ao ano. A agropecuária, com expansão de 5%, e as exportações, com crescimento de 14,2%, sustentaram o país em 2003, já que a indústria encolheu 1% e os serviços, 0,1%.

O consumo das famílias, um dos componentes da demanda que compõem o cálculo do PIB, nunca sofreu retração tão forte. De 1992 a 2002, retraiu-se em quatro anos, sendo que as quedas anteriores foram muito mais suaves que a do ano passado. Elas foram de 0,7% nos anos de 1992 e 1998 e de 0,4% em 1999 e 2002. “O que realmente distingue a recessão de 2003 das anteriores foi essa brutal queda no consumo das famílias”, observa Celso Toledo, economista-chefe da MCM Consultores. “Essa queda reflete o quanto foi afetado o bem-estar do brasileiro do ano passado”, comenta.

No último trimestre do ano, porém, apesar de um desempenho frustrante em relação às expectativas otimistas, foi possível identi-

car sinais de uma reversão desse cenário desastroso.

Apesar de ter havido uma redução de 0,1% no PIB trimestral ante o mesmo período de 2002, na taxa dessazonalizada, ou seja, em relação ao terceiro trimestre do ano, o produto cresceu 1,5%, impulsionado pela FBCF, que se expandiu 4%, mantendo a tendência de recuperação iniciada em julho.

Esses dados trouxeram alento para bancos e consultorias. O departamento de pesquisa do Bradesco avaliou — em sua análise do PIB 2003 — que a continuidade da tendência de crescimento da taxa de investimento poderá levar o país a crescer 3,5% este ano.

Numa projeção preliminar, feita em dezembro do ano passado, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) estimou um crescimento para a FBCF de 6,5% este ano. Mérida Herasme Medina, responsável pelo cálculo e especialista em FBCF, adiantou ao **Valor** que está revendo este dado em função dos novos números do PIB 2003, mas não crê que vá mudar muito. O comportamento do investimento este ano será favorecido pela base de comparação desfavorável.

A economista lembrou que 2003 foi o segundo ano de queda contínua da FBCF, fechando o ano com uma taxa de investimento de 17,1%, a menor desde 1992. Em 2002, o investimento desabou 4,2%. Nestes dois anos, o investimento fixo — mola do crescimento sustentável de qualquer economia — acumulou uma queda de 10,52%.

Mérida lembrou que isso só ocorreu no governo Collor, entre

1991 e 1992, ano do impeachment do ex-presidente. Em 1991, o investimento teve contração de 4,7% e, em 1992, de 7,2%.

No ano passado, de acordo com Rebeca Palis, do departamento de contas nacionais do IBGE, o investimento foi fortemente impactado pela construção civil, componente de maior peso na FBCF, que registrou queda de 8,6%. O setor de bens de capital (produção e importação), outro componente da equação que mede o investimento, compõe de aproximadamente 30%, caiu 1,62%.

Entretanto, segundo Mérida, a retomada do investimento verificada no último trimestre está ocorrendo via produção de bens de capital, embora a construção civil esteja também iniciando uma recuperação tímida.

“A construção está crescendo. Depois de cair 5,3% no primeiro trimestre, 8,2% no segundo, cresceu 0,2% no terceiro e, 2,8% no quarto”.

Seus estudos sobre a FBCF a levam a afirmar que as fábricas de bens de capital estão bastante aquecidas, principalmente as máquinas e equipamentos agrícolas e de material de transporte. Segundo recente sondagem da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), cerca de 42% das empresas do setor se manifestaram convencidas de que vão ampliar sua produção este ano.

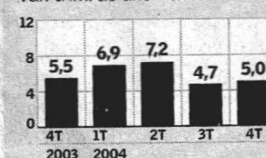
Também as importações de bens de capital estão a todo vapor. Para Mérida, a demanda vem da agropecuária e de setores como papel e celulose, metalurgia, borracha e têxteis. (Colaborou Denise Neumann, de São Paulo)

Desastre

Desempenho da economia

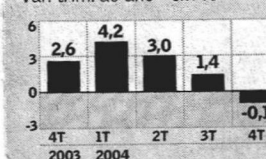
Agropecuária

Var. trim. ao ano - em %



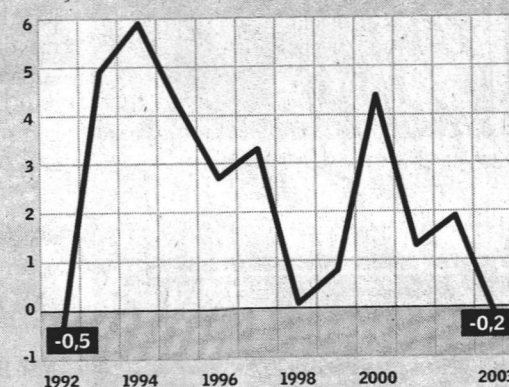
Indústria

Var. trim. ao ano - em %



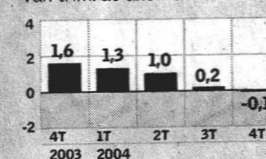
PIB

Variação anual - em %



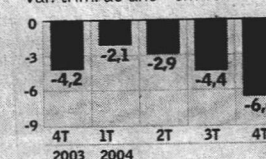
Serviços

Var. trim. ao ano - em %



F. bruta de capital fixo

Var. trim. ao ano - em %



Fonte: IBGE, BC e Valor Data